

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

A globalização é o tema mais debatido na atualidade. Muitos são os conceitos e definições que envolvem o termo, até mesmo existindo aqueles que participam da idéia da inexistência de tal globalização.

Outra palavra de ordem em nossos dias é a inclusão social, quase sempre atrelada por sua antítese, a exclusão social. Este termo se traduz em ações das mais diversas instituições – organismos supranacionais, governos, empresas, organizações não-governamentais – sobretudo, em países subdesenvolvidos ou emergentes, como o Brasil; ações estas igualmente diversas e com objetivos, muitas vezes, difusos e confusos, o que acaba por findar em objetivos incompletos, falsos.

Globalização e inclusão social são dois termos que podem ser facilmente encontrados juntos. Por vezes se encontram como sendo o primeiro condicionado ao segundo, como se a globalização dependesse da inclusão social de todos indivíduos para sua efetivação completa. Por outras, são vistos como antagônicos, como se na globalização fosse impossível haver uma verdadeira inclusão social em todo sentido que o termo pode conter verdadeiramente, ou seja, uma utopia.

Sendo assim, partamos para uma conceituação daquilo que neste trabalho iremos denominar como globalização e como verdadeira inclusão social, para que possamos, conseqüentemente, estabelecermos a relação que queremos apontar entre estes dois termos.

1.1. A Globalização: este estranho conhecido

“Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas [...]. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes” (SANTOS, 2004: 17).

É este mundo confuso e confusamente percebido que traduz a globalização; daí, talvez, a heterogeneidade de conceitos afirmativos e negativos sobre tal. Outro dado a cooperar com essa dificuldade epistemológica seja, também, a “versatilidade de seu conceito no domínio do senso comum, impregnado de ideologias, mitos e dados [...]” (RAMOS et BARBOSA, 2002: 86).

Sua origem semântica remonta do neologismo inglês *globalization*, surgindo no meio das escolas de administração de empresa estadunidenses, sendo um dos primeiros a utilizar o termo globalização

“Theodore Levitt, da Universidade de Harvard, quando publicou em 1983 no periódico *Harvard Business Review* um artigo com o título *The globalization of markets*. [...] Outra possível origem da palavra globalização estaria não na linguagem da administração, mas na da comunicação. Sob esta ótica, sua origem deveria ser buscada nos escritos de Marshall McLuhan, teórico canadense das comunicações, mais especificamente em seu livro *Understanding media: the extensions of man*, publicado nos Estados Unidos em 1964” (SENE, 2003: 21-23).

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Autores franceses relutam em usar o termo globalização para denominar o atual estágio do capitalismo, preferindo mundialização como um termo que melhor denominaria o período em que passamos. Contudo, preferimos aceitar a opção de Milton SANTOS (2002, 2002a, 2004) que em seus livros utiliza os dois termos sem diferenciá-los. Entretanto, como os Parâmetro Curriculares Nacionais adotam para fins conceituais o termo globalização, será este o mais utilizado neste trabalho.

Seguindo a discussão a respeito do atual estágio do capitalismo – ou seja, a globalização – são muitos os autores – sobretudo, economistas – que negam sua existência, dizendo que aquilo que assistimos na atualidade nada mais é do que a continuidade do imperialismo.

“No entanto, muitos autores que questionam a existência da globalização, aparentemente não têm levado em conta alguns aspectos centrais do fenômeno. Ou não levam em consideração a importância do espaço geográfico, ou não levam em consideração o avanço das técnicas, que por sua vez se materializam no espaço. [...] A globalização não está restrita à economia, tem repercussões no plano social, na cultura, na política e algumas de suas conseqüências mais importantes estão materializadas no espaço geográfico. Os que defendem a continuidade do imperialismo não consideram o avanço das técnicas e suas conseqüências no espaço geográfico. As técnicas que davam suporte à expansão capitalista [...] no período capitalista, e que, conseqüentemente moldavam a própria noção de espaço geográfico mundial, eram completamente diferentes das atualmente vigentes” (SENE, 2003: 31).

Confirmando o fragmento supracitado de Eustáquio de SENE, quando fala da diferenciação entre as técnicas do imperialismo e da globalização, temos

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Milton SANTOS (2002a), quando nos explica a respeito do surgimento do meio técnico-científico-informacional.

“O terceiro período começa praticamente após a segunda guerra mundial, e sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos 70. É a fase a que R. Richta (1968) chamou de período técnico-científico, e que se distingue dos anteriores pelo fato da interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores preferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas. Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global. [...] Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes de novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*” (SANTOS, 2002a: 238).

“[...] A globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes” (SANTOS, 2004: 24).

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Assim, a globalização seria o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, apoiado sobre um meio técnico-científico-informacional, tão bem representado pela grande rede de computadores mundial – a *internet* – impregnado por sua ideologia, que o auxiliou na tarefa de difusão sobre o espaço geográfico, homogeneizando as ações perversas do capital globalizado sobre todo planeta.

Poderíamos explicar a globalização, tal como se estrutura na atualidade, a partir de alguns fatores que Milton SANTOS (2004) nos apresenta. Estes seriam:

- ✓ A unicidade técnica;
- ✓ A convergência dos momentos;
- ✓ O conhecimento do planeta;
- ✓ O motor único;

A unicidade das técnicas diz respeito à dimensão como as atuais técnicas se propagam sobre o planeta, bem como influenciam as demais técnicas existentes, além de ter, como vocação, a característica de invasora – quando não se contenta em permanecer no espaço em que foi colocada – buscando sempre se tornar hegemônica.

Por sua vez, a convergência dos momentos nos remete a instantaneidade com que as informações se difundem sobre o planeta, proporcionando o que, “do ponto de vista da física, chama-se de tempo real e, do ponto de vista histórico, será chamado de interdependência e solidariedade do acontecer” (SANTOS, 2004: 27), realizado graças à difusão do sistema técnico atual. Também graças ao sistema técnico atual, o conhecimento do planeta, enquanto conhecimento extensivo e aprofundado, vai se dá de tal forma nunca antes possível.

Finalmente, o motor único nada mais é do que a mais-valia global, agora não mais difusa entre impérios capitalistas distintos, que de maneiras diferenciadas se desenvolviam.

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

“Este motor único se tornou possível porque nos encontramos em um novo patamar da internacionalização, com uma verdadeira mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação. Esse conjunto de mundializações, uma sustentando e arrastando a outra, impondo-se mutuamente, é também um fato novo” (SANTOS, 2004: 30).

1.1.1. Globalização perversa e a outra globalização possível

É exatamente a mais-valia global, traduzida na política das empresas globais, que delinea o atual estágio do capitalismo. Desta maneira, todos os fatores que explicam a globalização se dão por conta da obtenção desta mais-valia global, fazendo com que a globalização, tal como a conhecemos, se imponha “à maior parte da humanidade como uma globalização perversa” (SANTOS, 2004: 37).

“Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos. A perversidade sistêmica é um dos seus corolários.

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Dentro desse quadro, as pessoas sentem-se desamparadas, o que também constitui uma incitação a que adotem, em seus comportamentos ordinários, práticas que alguns decênios atrás eram moralmente condenadas. Há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, do qual é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado com a ampliação da pobreza e os crescentes agravos à soberania, enquanto se amplia o papel político das empresas na regulação da vida social” (SANTOS, 2004: 37-38).

Seria esta globalização perversa o que consideramos importante destacar enquanto conceituação do período por que passamos, pois assim podemos desmascarar as ideologias e fábulas do capital globalizado, contidas em tudo que nos cerca no cotidiano, proporcionando um novo pensamento crítico, o que poderia se converter numa globalização mais humanitária, uma vez que “as técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso” (SANTOS, 2004: 23). Essas escolhas e combinações são determinadas pela política. Sendo a política preocupada com a humanidade e não com a mais-valia global, tais combinações e escolhas se darão de tal forma que uma outra globalização se fará.

1.2. A Inclusão Social: este conhecido estranho

A inclusão social é palavra de ordem em inúmeras políticas e programas de órgãos e instituições governamentais ou não. Tudo que envolva o benefício de classes desprovidas de, principalmente, bens materiais é enquadrado como sendo um esforço à inclusão social desta parcela da sociedade. Por isso é difícil discutirmos e estabelecermos uma conceituação sobre inclusão social sem

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

tocarmos em sua antítese, a exclusão social, pois se assim o fizermos, estaremos fatidicamente incorrendo em erro, uma vez que “a exclusão e inclusão social são necessariamente interdependentes. Alguém é excluído de uma dada situação de inclusão” (SPOSATI, 2000: 5).

Contudo, temos que destacar que o termo inclusão social é, na maioria das vezes, tomado de forma incompleta, ou seja, utilizado para interpretar uma ínfima parte de seu universo real; quase sempre, como já dissemos, sendo interpretada como alguma ação paternalista de distribuição de renda e/ou bens materiais.

Sendo assim, acreditamos que, ao usarmos o termo inclusão social somente, estaremos correndo o risco de sermos confundidos com sua utilização parcial, sendo isso prejudicial em nosso esforço de conceituação mais abrangente do termo. Aldaíza SPOSATI nos apresenta como opção epistemológica para melhor caracterizarmos a abrangência da inclusão social, o termo utopia da inclusão social, destacando sete campos a serem contemplados para que verdadeiramente haja a inclusão social. São eles:

“Autonomia: o conceito de autonomia é compreendido, no âmbito do Mapa da Exclusão/Inclusão Social, como a capacidade e a possibilidade do cidadão em suprir suas necessidades vitais, especiais, culturais, políticas e sociais, sob as condições de respeito às idéias individuais e coletivas, supondo uma relação com o mercado, onde parte das necessidades deve ser adquirida, e com o Estado, responsável por assegurar outra parte das necessidades; a possibilidade de exercício de sua liberdade, tendo reconhecida a sua dignidade, e a possibilidade de representar pública e partidariamente os seus interesses sem ser obstaculizado por ações de violação dos direitos humanos e políticos ou pelo cerceamento à sua expressão. Sob esta concepção o campo da autonomia inclui não só a capacidade do cidadão se autosuprir,

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

desde o mínimo de sobrevivência até necessidades mais específicas, como a de usufruir de segurança social pessoal mesmo quando na situação de recluso ou apenado. É este o campo dos direitos humanos fundamentais.

Qualidade de vida: a noção de qualidade de vida envolve duas grandes questões: a qualidade e a democratização dos acessos às condições de preservação do homem, da natureza e do meio ambiente. Sob esta dupla consideração entendeu-se que a qualidade de vida é a possibilidade de melhor redistribuição – e usufruto – da riqueza social e tecnológica aos cidadãos de uma comunidade; a garantia de um ambiente de desenvolvimento ecológico e participativo de respeito ao homem e à natureza, com o menor grau de degradação e precariedade.

Desenvolvimento humano: o estudo do desenvolvimento humano tem sido realizado pela ONU/PNUD, por meio do Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH). Com base em suas reflexões, entende-se que o desenvolvimento humano é a possibilidade de todos os cidadãos de uma sociedade melhor desenvolverem seu potencial com menor grau possível de privação e de sofrimento; a possibilidade da sociedade poder usufruir coletivamente do mais alto grau de capacidade humana.

Eqüidade: o conceito de eqüidade é concebido como o reconhecimento e a efetivação, com igualdade, dos direitos da população, sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõem. Assim, eqüidade é entendida como possibilidade das diferenças serem

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

manifestadas e respeitadas, sem discriminação; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias etc.

Cidadania: é aqui considerada como o reconhecimento de acesso a um conjunto de condições básicas para que a identidade de morador de um lugar se construa pela dignidade, solidariedade e não só pela propriedade. Esta dignidade supõe não só o usufruto de um padrão básico de vida como a condição de presença, interferência e decisão na esfera pública da vida coletiva.

Democracia: A possibilidade do exercício democrático é componente de inclusão local na medida em que esta supõe cidadania e não acesso a renda e serviços, o que coloca as pessoas no patamar da sobrevivência sem alcançar a condição de sujeitos cidadãos.

Felicidade: Seguramente, o caminho maior da inclusão é a felicidade. Atingi-la supõe muito mais do que a posse, o acesso a condições objetivas de vida. Ela traz à tona a subjetividade, e nela o desejo, a alegria entre um conjunto de sentimento em busca da plenitude humana. Vale dizer, uma situação que permita que o potencial das capacidades humanas sem restrições a povos ou pessoas possa se expandir. De cada um conforme a sua capacidade, e a cada um conforme sua necessidade!" (SPOSATI, 2000: 5).

Concordamos com SPOSATI ao apontar estes sete campos como os mínimos necessários para que haja a inclusão social. A autora utiliza bem o termo utopia de inclusão social em seu trabalho, porque analisa o espaço geográfico – no caso, a cidade de São Paulo – tal como existe. Assim, sem alterarmos o

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

sistema capitalista, tal inclusão social que abranja completamente os sete campos propostos não passa realmente de uma utopia.

Entretanto, acreditamos que, ao utilizarmos o termo utopia de inclusão social, estaríamos fadando nosso trabalho ao fracasso, pois procuramos apontar a existência da possibilidade desta inclusão social – abrangente de todos estes campos – concretizar-se. Para tanto pensamos ser mais eficaz a utilização do termo *verdadeira inclusão social*, uma vez que este nos possibilita sair do entendimento vulgar e, concomitantemente, nos auxilia nos esforço demonstrá-lo como possível concretamente.

1.3. A outra Globalização e a Verdadeira Inclusão Social

A outra globalização possível e a verdadeira inclusão social são indissociáveis no período em que vivemos, por ser a primeira condicionante para a efetivação da segunda.

“Uma outra globalização supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem. Sem dúvida, essa desejada mudança ocorrerá no fim do processo, durante o qual reajustamentos sucessivos se imporão. Nas presentes circunstâncias, conforme já vimos, a centralidade é ocupada pelo dinheiro, em suas formas mais agressivas, um dinheiro em estado puro sustentado por uma informação ideológica, com a qual se encontra em simbiose. Daí a brutal distorção do sentido da vida em todas suas dimensões [...]. A primazia do homem supõe que ele estará colocado no centro das preocupações do mundo, como um dado filosófico e como uma inspiração para as ações. Dessa forma, estarão assegurados o império da compaixão

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

nas relações interpessoais e o estímulo à solidariedade social, a ser exercida entre indivíduos, entre o indivíduo e a sociedade e vice-versa e entre a sociedade e o Estado, reduzindo as fraturas sociais, impondo uma nova ética, e, destarte, assentando bases sólidas para uma nova sociedade, uma nova economia, um novo espaço geográfico. O ponto de partida para pensar alternativas seria, então, a prática da vida e a existência de todos” (SANTOS, 2004: 148).

Nos dizeres de Milton SANTOS, seria a verdadeira inclusão social o império da compaixão e a solidariedade, só possíveis, assim como o é para a mais-valia global, através do meio técnico-científico-informacional disposto pela sociedade contemporânea, ou seja, as bases materiais, tanto para a mais-valia global, quanto para a verdadeira inclusão social estão postas e são as mesmas. Então o que as diferencia? Exatamente a política, as ações a serem tomadas.

SANTOS (2004) ainda nos salienta sobre como se processa a atual globalização, sendo algo imposto, de cima para baixo, pelos países desenvolvidos. Também mostra a importância que tem os países chamados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento na busca de uma outra globalização, deixando de lado as ideologias atualmente existentes.

“É previsível que o sistemismo sobre o qual trabalha a globalização atual erga-se como um obstáculo e torne difícil a manifestação da vontade de desengajamento. Mas não impedirá que cada país elabore, a partir de características próprias, modelos alternativos, nem tampouco proibirá que associações de tipo horizontal se dêem entre países vizinhos igualmente hegemonzados, atribuindo uma nova feição aos blocos regionais e ultrapassando a etapa das relações meramente comerciais para alcançar um estágio mais elevado de cooperação. Então, uma globalização

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

constituída de baixo para cima, em que a busca de classificação entre potências deixe de ser uma meta, poderá permitir que preocupações de ordem social, cultural e moral possam prevalecer” (SANTOS, 2004: 154).

Acreditamos que essa globalização produzida de baixo para cima, que propiciará a verdadeira inclusão social, encontra na educação, ou seja, a instrumentação do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade no desmantelamento da carga ideológica existente nos objetos e informações cotidianas, uma de suas bases principais. Uma outra base, como já dito, é o próprio sistema técnico atual, capaz de auxiliar na propagação da conscientização.

“É muito difundida a idéia segundo a qual o processo e a forma atuais da globalização seriam irreversíveis. Isso também tem a ver com a força com a qual se revela e instala em todos os lugares e em todas as esferas da vida, levando a pensar que não há alternativas para o presente estado de coisas. No entanto, essa visão repetitiva do mundo confunde o que já foi realizado com as perspectivas de realização. Para exorcizar esse risco, devemos considerar que o mundo é formado não apenas pelo que já existe [...], mas pelo que pode efetivamente existir [...]. O mundo datado de hoje é, um conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições” (SANTOS, 2004: 160).

Mais uma vez aparece a educação como base para que as ideologias sejam desmascaradas e uma outra globalização, que traz consigo uma verdadeira inclusão social, efetue-se. Daí considerarmos de primordial importância a análise de como a globalização tem sido tratada no Ensino Médio.